



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOÃO DOUGLAS SOUSA CARDOSO

**INVENTIVIDADES PEDAGÓGICAS NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO
CAMPUS BRAGANÇA: uma proposta teórico-prática**

BRAGANÇA (PA)

2025

JOÃO DOUGLAS SOUSA CARDOSO

**INVENTIVIDADES PEDAGÓGICAS NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO
CAMPUS BRAGANÇA: uma proposta teórico-prática**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus
Universitário de Bragança, Faculdade de
Educação, como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador(a): Dra. Caroline Septimio Limeira
Coorientador(a): Dra. Letícia Carneiro da
Conceição

BRAGANÇA-PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C268i Cardoso, João Douglas Sousa.
Inventividades pedagógicas na Faculdade de Educação do
Campus Bragança : uma proposta teórico-prática / João Douglas
Sousa Cardoso. — 2025.
24 f.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Carolline Septimio Limeira
Coorientação: Prof^a. Dra. Letícia Carneiro da Conceição
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Bragança, Faculdade de Ciências
Biológicas, Bragança, 2025.

1. Monitoria. 2. Didática. 3. Formação docente. 4. Prática
pedagógica. 5. Ensino superior. I. Título.

CDD 378.981

JOÃO DOUGLAS SOUSA CARDOSO

**INVENTIVIDADES PEDAGÓGICAS NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO
CAMPUS BRAGANÇA: uma proposta teórico-prática**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus
Universitário de Bragança, Faculdade de
Educação, como requisito para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador(a): Dra. Carolline Septimio Limeira
Coorientador(a): Dra. Letícia Carneiro da
Conceição

Data da aprovação: 24 /10 /2025

Conceito: **Excelente**

BANCA EXAMINADORA

Orientadora – Dr.^a Carolline Septimio Limeira
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Coorientadora – Dr.^a Letícia Carneiro da Conceição
Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA)

Examinador(a) interno – Dr. Luís Júnior Costa Saraiva
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Examinador(a) interno – Dr. José de Moraes Sousa
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Aos meus avós, meus irmãos e tios por cada gesto de apoio, cada palavra de incentivo e por me ajudarem a tornar tudo isso possível com amor. Este trabalho carrega um pedaço de cada um de vocês — é fruto da força que me deram ao longo do caminho. Também dedico à criança que sonhou em ser professor: estamos realizando esse sonho, passo a passo. Com amor, Seu D.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e à Nossa Senhora de Nazaré, por me guiarem com luz e coragem, e por não me deixarem desistir quando tudo parecia nublado e difícil demais.

Aos meus avós, por tanto incentivo e amor. Sem vocês, eu não estaria onde estou. Obrigado por cada gesto, cada palavra, cada momento em que acreditaram em mim mais do que eu mesmo. Vocês são incríveis e parte essencial dessa conquista.

Aos meus irmãos, que são incrivelmente incríveis: vocês são parte de mim, e tudo isso é, e sempre foi, por vocês.

Aos meus tios e familiares, que estiveram comigo quando precisei: saibam que essa vitória também é de vocês. Obrigado, de coração.

Aos meus amigos e amigas, que me ajudaram, me deram força e vibraram por cada conquista: obrigado por cada incentivo, cada abraço, cada palavra que me fez seguir em frente.

Aos meus amigos de curso, especialmente ao meu grupinho e àqueles que estiveram comigo nos momentos mais difíceis: obrigado por segurarem minha mão, por me fazerem persistir, por dividirem comigo lágrimas e sorrisos, e por me lembrarem que os sorrisos sempre vencem.

À minha orientadora e à minha coorientadora, que embarcaram comigo nesta travessia: tivemos trabalho, sim, mas também construímos juntos algo repleto de verdade, esforço e esperança. Minha gratidão é gigantesca. Aliás, vocês são maravilhosas.

A vida é, sim, bela — vista pelos olhos de um universitário que, mesmo com medo, escolheu continuar. Como disse Adélia Prado: “*O que a memória ama, fica eterno.*” E, sem dúvida, tudo isso permanecerá como uma das mais belas lembranças, gravada com ternura no coração. Cada passo, cada desafio, cada sorriso compartilhado, tudo se transforma agora em memória viva, que o tempo não apaga. Porque quando se caminha com fé e amor, o destino se torna poesia. Que essa jornada, com todas as suas cores e contrastes, seja sempre lembrada como um capítulo de coragem e esperança.

Aos professores da Faculdade de Educação (FACED) – Campus Bragança, por ensinamentos que não cabem só nos livros, mas que ecoam na vida. E à Universidade Federal do Pará, por ser espaço de descoberta, de recomeço e de histórias que ainda vamos contar.

E como minha querida orientadora me disse uma vez: *continue a nadar*. Eu vou tentar. Prometo!

O Senhor não olha tanto a grandeza das nossas obras, mas sim o amor com que são feitas.

- *Santa Teresa d'Ávila*

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender como a monitoria no componente de Didática, desenvolvida na Faculdade de Educação – Campus Bragança, configurou-se como prática inventiva na articulação entre teoria e experiência na formação docente. Trata-se de um relato de experiência fundamentado em práticas dialógicas e reflexivas, no qual se analisam as vivências de estudantes, monitores e docentes no processo formativo. Os resultados evidenciam que a monitoria se constituiu como ferramenta pedagógica que impulsiona a construção de saberes coletivos, promove o engajamento estudantil e amplia a integração entre estudantes, professores e comunidade, favorecendo a emergência de inventividades pedagógicas. Conclui-se que a atuação do monitor se consolida como espaço formativo que enriquece a jornada acadêmica, aprimora competências didáticas e contribui para a inovação no ensino superior, indicando potencial para novas pesquisas acerca de sua função na formação inicial docente.

Palavras-chave: Monitoria; Didática; Formação docente; Prática pedagógica; Ensino superior.

ABSTRACT

This study aims to understand how the tutoring program in the Didactics course, developed at the Faculty of Education – Bragança Campus, was configured as an inventive practice in the articulation between theory and experience in teacher education. It is a reflective experience report grounded in dialogical practices, in which the experiences of students, tutors, and professors in the formative process are analyzed. The results show that tutoring has become a pedagogical tool that fosters the construction of collective knowledge, promotes student engagement, and enhances the integration between students, teachers, and the community, encouraging the emergence of pedagogical inventiveness. It is concluded that the tutor's role is consolidated as a formative space that enriches the academic journey, improves didactic skills, and contributes to innovation in higher education, while also indicating potential for further research regarding its function in initial teacher education.

Keywords: Tutoring; Didactics; Teacher education; Pedagogical practice; Higher education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PERCURSO METODOLÓGICO	14
3. RESULTADOS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS	16
4. CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA E REFLEXÕES ACADÊMICAS	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre as ações e atividades desenvolvidas no âmbito da monitoria, alicerçadas nas observações e práticas realizadas pelo discente-monitor com o apoio da docente coordenadora. Tem como objetivo refletir sobre o processo de monitoria realizado ao longo do ano de 2023, por meio de um componente curricular voltado à vivência de experiências pedagógicas. Esse projeto de monitoria buscou fortalecer a articulação entre teoria e prática, sob a temática *Inventividades Pedagógicas na Faculdade de Educação – Campus Bragança: uma proposta teórico-prática*.

No contexto deste trabalho, compreende-se a inventividade pedagógica como a capacidade de criar, sustentar e reinventar práticas educativas em diálogo com as realidades concretas dos sujeitos e dos territórios. Não se trata apenas de propor algo novo ou inusitado, mas de promover deslocamentos no modo de ensinar e aprender, abrindo espaço para que o cotidiano escolar seja atravessado por afetos, escutas, experimentações e sentidos.

Inventar, nesse sentido, é acolher a imprevisibilidade do processo educativo e transformá-la em potência formativa – gesto que se realiza na adaptação criativa das metodologias, na escuta ativa das necessidades dos estudantes e na construção coletiva do conhecimento. Como afirma Freire (1996, p. 25): “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. A inventividade pedagógica, assim, configura-se como um movimento ético, político e estético que desafia a normatividade do ensino e convoca à docência a se implicar nos contextos em que atua.

Essa inventividade se realiza, sobretudo, quando teoria e prática deixam de ser polos opostos e passam a operar em tensão criativa. A ação pedagógica inventiva emerge quando os saberes acadêmicos dialogam com os saberes da experiência, e quando os conteúdos ganham vida nas situações concretas da formação docente.

Como afirma Freire (1987, p. 38): “[...] é na práxis, na ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo, que se constituem os sujeitos”. É nesse ponto que a monitoria se afirma como uma via concreta para essa articulação: ao permitir que o estudante transite entre os espaços da sala de aula, da pesquisa e da prática educativa cotidiana, a monitoria configura-se como um lugar privilegiado para experimentar, refletir, ajustar e criar.

Candau (1986, p. 13), reforça essa ideia ao dizer que “[...] a prática pedagógica deve estar em constante transformação, adaptando-se às necessidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino”. Ao promover encontros entre sujeitos, saberes e contextos, a monitoria

torna-se uma prática pedagógica em que a inventividade se encarna e a formação docente se reinventa.

É nesse cenário que se delinea a pergunta que norteia o estudo: como a monitoria pode se configurar como um espaço capaz de articular teoria e prática, promovendo inventividade pedagógica na formação de futuros docentes? Essa questão evidencia o papel da monitoria como espaço de aprendizagem criativa e inovação pedagógica, além de ressaltar sua contribuição para o desenvolvimento profissional do discente-monitor.

A monitoria constitui-se, assim, como uma atividade de ensino e aprendizagem que possibilita ao discente-monitor vivenciar o diálogo entre teoria e prática frente aos desafios cotidianos em sala de aula. Para Matoso (2014, p.78), “[...] o aprimoramento dos conteúdos no exercício da monitoria favorece maior segurança e melhor desempenho dos estudantes”. Nesse sentido, Jesus *et al.* (2012, p. 68) complementam que “[...] a monitoria estreita o vínculo do aluno-monitor junto à universidade na qual está inserido”.

A experiência prática proporcionada pela monitoria permite ao estudante-monitor conhecer e experimentar diferentes abordagens educacionais, ao mesmo tempo em que favorece os demais estudantes envolvidos, por meio de uma troca significativa no processo de aprendizagem. O trabalho colaborativo entre docente e monitor impulsiona práticas pedagógicas que se aproximam da realidade da docência e, ao mesmo tempo, reafirma a importância da escuta, da reflexão e da invenção no cotidiano universitário.

De acordo com o regulamento da Uniderp (2019, s/p), a monitoria pode ser

[...] entendida como instrumento para a melhoria do ensino de graduação, através do estabelecimento de novas práticas e experiências pedagógicas que visem fortalecer a articulação entre teoria e prática e a integração curricular em seus diferentes aspectos, e tem a finalidade de promover a cooperação mútua entre discente e docente e a vivência com o professor e como as suas atividades técnico-didáticas.

Essa compreensão destaca o caráter teórico-prático dessa atividade, que amplia a criticidade dos envolvidos e contribui para o desenvolvimento de uma docência comprometida com a transformação social.

Alvim (2022) discute a criação como um gesto ético-estético-político que mobiliza o sujeito em sua inteireza – corpo, afetos, história e linguagem. Se conversarmos com essa perspectiva, podemos supor que formar-se não é apenas acumular saberes ou dominar técnicas, mas reinventar-se em relação ao mundo. A formação se dá no movimento de reconfigurar-se como presença sensível, situada e implicada com os contextos, encontros e experiências que atravessam o processo educativo.

Criar, nesse contexto, é habitar a educação como campo de presença e risco. Não se trata de inventar algo inédito por si só, mas de sustentar um gesto próprio, atento às singularidades do tempo, do território e das pessoas. A criação pedagógica convoca o educador a sair da repetição mecânica e implicar-se no encontro com o outro – escutando, adaptando, improvisando, criando com o que há. Ao inventar práticas, o educador também se refaz, movido pelo que o afeta e desafia no processo de ensinar.

A monitoria, nesse sentido, se apresenta como território fértil para essa invenção de si. Por ser espaço de experimentação, mediação e travessia entre o instituído e o possível, ela permite que o estudante-monitor vá além do exercício técnico e se implique afetivamente na construção do processo educativo. Criar, aqui, é sustentar gesto, acolher incertezas, nomear impasses e seguir apesar deles. É no cotidiano da monitoria — silencioso, intenso, coletivo — que se desenham os contornos de uma docência viva, em que o sujeito se forma como presença encarnada na educação.

Enquanto método pedagógico, a monitoria vem validando sua relevância na medida em que responde a demandas “[...] políticas, técnicas e humanas da prática pedagógica” (Candau, 1986, p. 13). Quando realizada no Componente Curricular de Didática, ela se fundamenta na concepção de uma aula dialogada, em que o professor atua como pesquisador e parceiro na troca de saberes com os discentes, compreendendo o ensino como prática investigativa (Freire, 1987). Nessa perspectiva, os estudantes-monitores são reconhecidos como propositores de atividades e articuladores do movimento de ação-reflexão-ação.

No contexto acadêmico, a monitoria configura-se como uma oportunidade enriquecedora para o desenvolvimento do discente na área pedagógica, permitindo-lhe apropriar-se das metodologias de ensino e compreender com mais profundidade os desafios inerentes à docência. Essa vivência prática proporciona ao estudante-monitor um ambiente favorável para conhecer e experimentar diferentes abordagens educacionais. Além disso, beneficia os demais estudantes envolvidos, promovendo uma troca significativa no processo de aprendizagem.

Conforme Schneider (2006), o trabalho da monitoria contribui para desenvolvimento de competências pedagógicas e construção do conhecimento no ensino de graduação. Como afirma Matoso (2014), o aperfeiçoamento de conteúdos na prática da monitoria possibilita segurança e qualificação de desempenho de estudantes. Além disso, essa atividade fortalece a relação entre o aluno-monitor e a instituição, promovendo maior integração e pertencimento ao ambiente universitário.

Nesse sentido, a monitoria representa uma oportunidade singular de vivenciar a prática pedagógica, evidenciando sua importância e indissociabilidade na formação de discentes que almejam atuar na educação. Para além do desenvolvimento dos estudantes-monitores, esse processo beneficia também o professor coordenador, que, ao acompanhar e orientar as atividades, fortalece sua prática docente e amplia suas possibilidades metodológicas.

Com base nos princípios de uma educação emancipadora, que conecta teoria à prática, articula saberes docentes e discentes e integra campos do conhecimento com espaços de ensino criativos e inclusivos, a monitoria aqui apresentada visou fomentar inventividades pedagógicas no Componente Curricular de Didática da Faculdade de Educação – campus Bragança.

O objetivo deste escrito foi compreender como a experiência de monitoria no Componente Curricular de Didática, desenvolvida na Faculdade de Educação – Campus Bragança da UFPA, configurou-se como uma prática pedagógica inventiva na formação docente, articulando teoria e prática a partir de metodologias colaborativas, reflexivas e situadas no contexto amazônico.

Esta reflexão se ancora na vivência concreta do corpo em território – um corpo que aprende, ensina, escuta e se move dentro das dobras da universidade pública na Amazônia. A monitoria, nesse sentido, será relatada como prática encarnada nesse espaço institucional que é também espaço de disputas, silenciamentos e invenções. É no chão da sala de aula, nos corredores da universidade, nas reuniões com docentes e nas trocas com discentes que a formação se produz – não apenas como acúmulo de conteúdo, mas como experiência atravessada por afetos, conflitos, deslocamentos e vínculos. Ao ocupar esse espaço com o corpo inteiro, o estudante-monitor reinscreve à docência como prática situada e relacional, revelando que a formação também se dá na lida cotidiana com os tempos e territórios da vida universitária.

Assim, este artigo estrutura-se em quatro seções principais:

1. apresenta os fundamentos e objetivos que orientaram a experiência de monitoria desenvolvida na Faculdade de Educação – Campus Bragança;
2. descreve o percurso metodológico adotado, evidenciando as ações realizadas, as estratégias pedagógicas e os contextos nos quais se deram;
3. relata os resultados e experiências formativas vivenciadas, destacando a participação dos sujeitos, as práticas inventivas e os efeitos percebidos no processo de ensino-aprendizagem;
4. desenvolve uma análise crítica sobre a construção pedagógica da monitoria, discutindo seus atravessamentos éticos, políticos e territoriais, bem como seus impactos na formação docente inicial.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho configura-se como uma descrição das vivências acadêmicas do discente-monitor ao longo do segundo semestre do ano de 2023, na Universidade Federal do Pará – Campus Bragança, no curso de Pedagogia. As ações foram desenvolvidas junto a duas turmas distintas, compondo duas monitorias principais: uma vinculada ao Componente Curricular de Didática e Formação Docente e outra relacionada ao Estágio Supervisionado em Gestão e Coordenação. Cada uma dessas turmas encontrava-se em diferentes momentos da graduação, possibilitando ao monitor transitar por contextos formativos diversos.

Quanto à natureza do trabalho, este se caracteriza como um relato de experiência, fundamentado em uma abordagem qualitativa, baseada na observação e análise das práticas desenvolvidas pelo discente-monitor em interação com estudantes e docentes. A investigação adota uma perspectiva colaborativa, valorizando a participação ativa dos sujeitos envolvidos e a construção coletiva do conhecimento. Nesse contexto, busca-se evidenciar como a monitoria pode se configurar como um espaço significativo da aprendizagem criativa, capaz de promover a inovação pedagógica e contribuir para a formação docente por meio da conexão entre teoria e prática.

Essas vivências tiveram como objetivo geral consolidar a monitoria como um espaço formativo inventivo, capaz de articular teoria e prática na formação docente por meio de práticas colaborativas, reflexivas e contextualizadas. Seus objetivos específicos:

- promover ações entre monitoria e discentes, estimulando o engajamento e a permanência dos estudantes;
- criar ciclos de problematização e resolução compartilhada entre estudantes e docentes, buscando inventividade em sala de aula;
- estimular o desenvolvimento acadêmico do estudante-monitor por meio do movimento ação-reflexão-ação nas atividades curriculares;
- contribuir para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem em Didática, em consonância com o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia.

O acompanhamento pedagógico realizado pelo professor, em parceria com o estudante-monitor, teve o intuito de fortalecer tanto o processo de ensino e aprendizagem quanto a permanência estudantil. Foram desenvolvidas práticas que dialogavam com metodologias ativas e participativas, com ênfase na criatividade, colaboração e escuta dos sujeitos implicados.

Dentre as ações realizadas, destacam-se: elaboração de podcasts com base na ementa da disciplina; escrita coletiva de textos teóricos; produção de desenhos identitários relacionando trajetória pessoal à formação docente; rodas de conversa; dinâmicas de escrita como a Ciranda de Escrita; leitura e discussão de textos-base; e um seminário final com o tema da Didática em uma perspectiva criativa, inovadora e inclusiva. As oficinas foram organizadas em conjunto com os docentes, monitor e lideranças estudantis.

O planejamento das atividades foi feito de modo coletivo, respeitando as particularidades de cada turma e estabelecendo uma atuação conjunta ao longo do semestre. Durante esse processo, o monitor teve acesso a um repertório teórico robusto, com indicações bibliográficas das docentes responsáveis. Essa vivência se ampliou também pela participação em um projeto de pesquisa com foco em didática e inclusão, que ofereceu novos olhares sobre o campo educacional. Como destaca Santos (2002, p. 13), experiências como essa permitem aos graduandos “[...] aprenderem a aprender, a construir informação sempre nova”.

O Estágio Supervisionado em Gestão e Coordenação foi desenvolvido de forma articulada entre teoria e prática, totalizando 75 horas de atividades. A dimensão teórica, composta por 30 horas de leitura e discussão de textos, esteve constantemente entrelaçada à vivência prática nas escolas, que somou 45 horas. Essa integração permitiu ao discente-monitor refletir criticamente sobre os contextos educacionais, reafirmando que teoria e prática são inseparáveis no processo formativo docente. Ao final do componente, foi realizado um seminário de troca de experiências, que representou um espaço privilegiado de escuta e análise das trajetórias de estágio vividas pelos estudantes. Como sublinha Freire (1987), o processo educativo deve se fundamentar no diálogo para envolvimento crítico dos sujeitos perante suas vivências.

A metodologia adotada ao longo da monitoria foi eminentemente dialógica e implicada. Como propõe Vygotsky (1978), “[...] a interação social é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois o conhecimento constrói-se a partir das trocas estabelecidas entre indivíduos em diferentes contextos educacionais”. Essa abordagem favoreceu a construção de um ambiente de aprendizagem horizontal, no qual os discentes assumiram protagonismo e desenvolveram posturas mais críticas e reflexivas.

A análise apresentada nas próximas seções será baseada nas experiências relatadas e nos resultados observados durante essas monitorias, com o objetivo de refletir sobre as contribuições pedagógicas da prática para a formação docente neste recorte de experiência.

3. RESULTADOS E EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS

As experiências vivenciadas ao longo das monitorias evidenciaram não apenas a riqueza dos encontros e das práticas desenvolvidas, mas também a profundidade das transformações subjetivas e pedagógicas proporcionadas. Cada ação planejada foi pensada como um disparador de engajamento, promovendo escuta, produção coletiva de sentidos e protagonismo estudantil. As atividades buscaram dialogar com os contextos de vida dos estudantes, respeitando suas trajetórias e ritmos. Foram avaliadas continuamente, com devolutivas entre monitor, docentes e turma, em uma lógica de corresponsabilidade.

No Estágio Supervisionado em Gestão e Coordenação, o monitor iniciou sua atuação em outubro de 2023, participando desde o planejamento inicial até o encerramento. Nas aulas de orientação, contribuiu com a organização dos projetos de intervenção, acompanhou a elaboração dos planos e prestou apoio na leitura dos referenciais teóricos. A proposta do estágio foi estruturada de forma integrada, articulando teoria e prática como dimensões complementares e inseparáveis da formação docente. As atividades teóricas, centradas na leitura e discussão de autores-chave sobre gestão e coordenação pedagógica, foram constantemente relacionadas às vivências práticas realizadas nas escolas, com o acompanhamento de gestores. Essa abordagem permitiu uma reflexão crítica e contextualizada, fortalecendo o vínculo entre os saberes acadêmicos e a realidade educacional.

Essa imersão no contexto escolar permitiu aos discentes experimentar os desafios da gestão de forma situada. O monitor, por sua vez, atuou como ponte entre os estudantes, os professores e a escola, auxiliando nas dúvidas, fortalecendo o vínculo entre universidade e território e oferecendo suporte na elaboração dos registros reflexivos. O seminário final representou o ápice da experiência: foi um espaço de escuta sensível, no qual os estudantes puderam relatar os caminhos percorridos, os desafios enfrentados e os aprendizados que emergiram.

Já no Componente Curricular de Didática e Formação Docente, a monitoria foi atravessada por ações expressivas e inventivas. A oficina de abertura foi realizada com o apoio do grupo de pesquisa NEDI – Núcleo de Estudos em Didática e Inclusão, coordenado pela professora responsável pela monitoria, inaugurou um espaço coletivo de escuta e escrita, marcando o início de um percurso formativo centrado na reflexão e na criação. As leituras de Libâneo, Jacques Rancière e Larrosa foram discutidas em rodas de conversa, seguidas de produções textuais autorais, que expressavam compreensões, dúvidas e sentidos sobre o que é ensinar.

A Ciranda de Escrita foi uma das experiências mais simbólicas. Cada estudante iniciava um texto e passava a outro, que o continuava. A proposta tensionava o autoral, o controle sobre o discurso e a linearidade. Surgiam misturas, desconexões, e também belos encontros. A atividade revelava, na prática, a multiplicidade dos modos de pensar o ensino e a importância de dialogar com a diferença.

Outra ação marcante foi a produção de desenhos identitários. Os discentes foram convidados a representar, graficamente, como viam sua própria trajetória até ali — suas marcas, seus desejos, suas contradições. Os desenhos foram expostos e discutidos coletivamente, produzindo momentos potentes de reconhecimento, emoção e pertencimento. Muitos estudantes relataram que, pela primeira vez, tinham conseguido “ver a si mesmos” no curso, sentindo-se parte da formação docente de maneira singular.

O envolvimento dos estudantes cresceu visivelmente ao longo das aulas, impulsionado pelo uso de estratégias dialógicas, criativas e inclusivas. A docência deixou de ser pensada como algo abstrato e passou a ser vivida no corpo, na escuta, no gesto de construir junto. Como afirma Moran (2015), “[...] um ensino dinâmico e participativo contribui para que os alunos desenvolvam maior capacidade de análise e argumentação, permitindo que se tornem agentes ativos na construção do conhecimento”.

A produção dos podcasts foi um ponto alto do componente curricular. Os grupos escolheram temas como planejamento pedagógico, afetividade na sala de aula, mediação de conflitos e avaliação formativa. A construção dos roteiros, a seleção das referências e a gravação dos episódios demandaram organização, escuta mútua e apropriação crítica dos conteúdos. A linguagem sonora favoreceu a autonomia dos discentes e ativou outras formas de expressão — para além do texto escrito — conectando o fazer pedagógico com as tecnologias digitais e os repertórios culturais dos estudantes.

Ao longo de todo o processo, o monitor foi presença constante: facilitador de diálogo, articulador de sentidos, apoio nas dificuldades e incentivador das pequenas conquistas cotidianas. A cada encontro, buscava acolher as demandas que surgiam, ajustar propostas com os docentes e criar condições para que todos se sentissem incluídos. Esse papel exigiu escuta ativa, flexibilidade e sensibilidade para lidar com situações diversas, desde inseguranças acadêmicas até conflitos emocionais.

A monitoria também se consolidou como um espaço de acolhimento afetivo, em que os estudantes podiam falar de suas angústias, medos e inseguranças sem medo de julgamento. Como destaca Schmitt (2013), “[...] com as monitorias os acadêmicos suprem suas dúvidas,

além de expressarem diminuição da ansiedade e medo”. Esse aspecto foi fundamental para criar um ambiente em que o aprendizado pudesse acontecer de maneira mais leve e potente.

Por fim, é importante destacar o protagonismo estudantil que atravessou toda a experiência. Longe de serem apenas receptores de conteúdo, os discentes foram reconhecidos como sujeitos ativos, autores de suas trajetórias formativas. A monitoria, nesse sentido, se revelou um espaço de invenção pedagógica — não no sentido espetacular da inovação, mas no cotidiano das relações que produzem aprendizado com sentido. O saber, aqui, foi tecido com afeto, com conflito, com escuta e com presença.

4. CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA E REFLEXÕES ACADÊMICAS

A partir das experiências descritas, é possível afirmar que a monitoria assumiu uma função formativa que vai além do apoio técnico, atuando como um espaço de elaboração subjetiva, crítica e coletiva. Essa compreensão encontra respaldo em Freire (1996, p. 25), ao afirmar que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção”. A monitoria, nesse contexto, promoveu essas possibilidades ao estimular a escuta, a criatividade e o compromisso ético-político dos envolvidos.

Não se trata, portanto, de uma prática auxiliar ou complementar, mas de uma experiência fundante, que reinventa a própria ideia de formação docente. O monitor ocupa uma posição singular: é estudante e educador ao mesmo tempo, circula entre mundos, atravessa camadas da universidade que nem sempre se comunicam. Essa posição liminar o desafia a desenvolver múltiplas escutas — escuta dos professores, dos colegas, dos conteúdos e, sobretudo, de si. Como propõe Alvim (2022), o self não é um “eu” fixo, mas um processo em que o indivíduo projeta-se em constante construção nas relações com o mundo. O estudante-monitor se constitui nesse entrelugar, aprendendo a sustentar presença mesmo na instabilidade.

As metodologias adotadas ao longo da experiência buscavam ir além da aplicação de técnicas. Elas foram pensadas como convites à participação, à reflexão, à expressão e à invenção. Como defende Libâneo (2013, p. 68), “[...] a didática deve ir além da mera transmissão de conteúdos, transformando-se em um instrumento de análise e problematização das condições de ensino”. Ao priorizar práticas como a Ciranda de Escrita, os desenhos identitários, os seminários de escuta e a produção de podcasts, a monitoria colocou o corpo e a experiência no centro da formação, abrindo espaço para a emergência de subjetividades e sentidos.

Essas práticas foram atravessadas por um compromisso com a realidade dos estudantes da Faculdade de Educação – Campus Bragança. Nessa perspectiva, a monitoria se tornou também um campo de intervenção simbólica sobre a universidade: suas dinâmicas, suas ausências, seus silêncios e seus potenciais. Em muitos momentos, o monitor precisou criar espaço onde não havia espaço. Precisou escutar onde só havia ruído. Precisou mediar conflitos, silêncios e resistências. E foi nesse movimento que mais se formou.

A articulação com projetos de pesquisa e extensão também potencializou a experiência. Como afirma Santos (2002, p. 13), é nesses atravessamentos que os graduandos “[...] aprendem a aprender, a construir informação sempre nova”. A teoria não ficou isolada nos livros: ela apareceu no debate coletivo, nas estratégias metodológicas construídas em grupo, na escuta das dúvidas trazidas pelos discentes, nos relatos de vida que atravessavam as aulas. Teoria e prática não se opuseram, mas se dobraram uma sobre a outra, criando brechas para uma docência mais viva e situada.

Frison (2016) destaca que a monitoria favorece aprendizagens colaborativas e autorreguladas. Essa dimensão apareceu fortemente na relação entre o monitor e os discentes, que passaram a vê-lo como um ponto de apoio para transitar pelas dificuldades acadêmicas. Como observa Schmitt (2013), a monitoria contribui para diminuir a ansiedade e o medo dos estudantes, e esse efeito foi nítido nas rodas de conversa, nas devolutivas após as oficinas e nas escutas individuais que o monitor realizou fora de sala.

A presença do professor coordenador também foi essencial nesse processo. Longe de uma postura hierárquica, o professor assumiu o lugar de parceiro e coautor da experiência. Como aponta Jesus (2012, p. 5):

O professor à frente de um programa de monitoria se beneficia na medida em que exerce um papel de liderança no projeto, coordenando as atividades propostas e adquirindo experiência a partir desta oportunidade, além é claro do conteúdo transmitido e do auxílio oferecido aos alunos pelos monitores, o que de certa forma faz com que o docente não fique sobrecarregado e direcione sua atenção aos alunos quando de fato for necessário.

Essa relação horizontal entre docente e monitor consolidou-se em reuniões semanais, trocas de materiais, escutas mútuas e ajustes contínuos no planejamento. Essa Co-construção formativa fortaleceu a autonomia do monitor e reconfigurou a lógica de poder tradicional em sala de aula, abrindo espaço para uma gestão mais compartilhada da aprendizagem.

É nesse contexto que a territorialidade amazônica emerge não como pano de fundo, mas como parte constituinte da proposta pedagógica. Os tempos, os modos de deslocamento, as desigualdades e as redes de cuidado presentes no cotidiano de Bragança moldaram as

possibilidades e os limites da experiência. Krenak (2020, p. 45) afirma: “A Terra está falando isso para a humanidade: ‘Filho, silêncio’”. O silêncio, aqui, não foi ausência. Foi gesto de escuta. Escuta do território, da floresta, da cidade, dos corpos exaustos que ainda insistem em aprender e ensinar.

Como afirma Lerner (2002), é necessário constituir condições didáticas de ensino basilares para a formação integral do educando. A monitoria foi essa condição — uma abertura. Criou caminhos, não necessariamente planejados, para que estudantes se reconhecessem como sujeitos da aprendizagem. Criou perguntas. Criou atravessamentos. Criou vínculos. Criou possibilidades.

Por isso, refletir sobre a construção pedagógica desta experiência é reconhecer que o que se ensinou ali foi, sobretudo, o compromisso com a escuta, com o território e com os processos singulares de cada sujeito. Essa construção não se deu apenas nos textos escritos, nas avaliações ou nas atividades oficiais. Ela aconteceu também nos afetos trocados, nos silêncios respeitados, nos erros acolhidos e nas pequenas invenções do cotidiano. Isso é formação. Isso também é docência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de monitoria desenvolvida na Universidade Federal do Pará – Campus Bragança, revelou-se profundamente formativa, não apenas para o discente-monitor, mas também para os discentes envolvidos, docentes coordenadores e para a própria instituição. Mais do que uma estratégia de apoio técnico, a monitoria se apresentou como um território de invenção pedagógica, onde a escuta, o vínculo, a criatividade e a reflexão crítica puderam ser exercidas como gestos de formação.

Para o discente-monitor, essa experiência permitiu o atravessamento entre teoria e prática, pesquisa e ação, ensino e escuta. Foi possível sustentar presença em meio aos desafios reais da docência, criar vínculos com os estudantes e pensar o fazer pedagógico para além do conteúdo, tocando também as dimensões estéticas, afetivas e políticas do ensinar. A cada encontro, a monitoria se fez campo de experimentação, de erros e descobertas, de dúvidas e reinvenções. Isso implicou o monitor como sujeito político-pedagógico em formação, desafiado a sustentar escuta, a nomear dificuldades e a criar saídas possíveis para o coletivo. Nesse processo, o próprio projeto de ser professor foi sendo gestado, não apenas a partir de teorias lidas, mas de experiências vividas.

Para os discentes atendidos, a monitoria foi espaço de escuta e acolhimento, e também de provocação e deslocamento. A presença de um par – alguém que também ocupa o lugar de estudante – possibilitou uma mediação mais horizontal, criando brechas para que os estudantes se colocassem, perguntassem, arriscassem, errassem. As dinâmicas, os textos, os podcasts, os seminários, as rodas de conversa e os desenhos fizeram da monitoria um lugar de aprendizagem viva, onde os saberes foram construídos coletivamente, com as marcas de quem os produziu.

Para os docentes coordenadores, a monitoria representou a oportunidade de rever práticas, dialogar com outras gerações, partilhar a docência, repartir responsabilidades e também aprender. Trata-se, portanto, de uma prática que também forma quem orienta, pois exige escuta, confiança e coautoria.

Quando o professor acompanha e orienta, essa experiência também se revela transformadora. Conduzir um processo de monitoria exige mais do que supervisão técnica: também exige presença sensível, escuta atenta e disposição para partilhar os caminhos da docência com quem ainda os está aprendendo a trilhar. A parceria com o discente-monitor não só fortalece os vínculos pedagógicos com a turma, mas também renova o próprio olhar docente, ao permitir que a vitalidade, a escuta próxima e a inventividade do estudante se somem às responsabilidades e à experiência do professor.

Em tempos de sobrecarga institucional e múltiplas demandas, contar com essa presença engajada e corresponsável é também um gesto de resistência, uma forma de sustentar a qualidade do ensino sem abrir mão do cuidado e da reflexão sobre o ato de ensinar. O monitor, ao lado do professor, não apenas auxilia: provoca, anima, tensiona e reinventa junto. Essa relação, quando construída com ética e horizontalidade, forma não só novos docentes, mas também docentes novos.

Além dos sujeitos diretamente envolvidos, a experiência também gerou efeitos na cultura institucional, ao fomentar relações mais dialógicas entre estudantes e professores, ao trazer práticas colaborativas para o centro do ensino e ao propor uma didática enraizada no contexto. Em uma universidade localizada no interior da Amazônia, essa experiência adquire ainda mais densidade. A prática docente não pode ser pensada a partir de modelos universais e descontextualizados. Como nos alerta Krenak (2020), o território fala, e cabe a nós escutá-lo. A monitoria, neste caso, escutou: os ritmos da cidade, os percursos dos estudantes, as brechas do cotidiano escolar. E, a partir disso, criou.

É nesse sentido que a monitoria se firma como prática ética, estética e política. Ética, porque sustenta o compromisso com o outro e com a educação pública. Estética, porque

convoca outras formas de aprender e ensinar, que não se limitam à lógica da técnica. E política, porque resiste à burocratização do ensino e aposta na formação crítica, situada e implicada.

A vivência monitorial ensinou que formar professores é mais do que ensinar conteúdos: é criar condições para que os futuros docentes se reconheçam como sujeitos capazes de agir no mundo, de transformá-lo e de inventar formas de habitar o cotidiano escolar com responsabilidade, beleza e afeto. Cada atividade desenvolvida, cada escuta partilhada, cada devolutiva construída em conjunto compôs um processo vivo de formação.

É urgente que mais discentes de licenciatura tenham acesso a esse tipo de experiência. A monitoria não deve ser vista como um privilégio de poucos, mas como parte estruturante da formação docente em universidades públicas. Seu potencial formativo é imenso e seu impacto extrapola os limites da disciplina em que está inserida. Monitorar é aprender a ensinar – e isso é tudo, quando se fala em formação de professores.

Embora os resultados apresentados sejam relevantes, este estudo concentra-se em um contexto bem específico e em um número restrito de turmas, o que pode limitar a extensão dos achados. Pesquisas futuras podem investigar a reprodução da monitoria em diferentes cursos, níveis de ensino e instituições, avaliando seus impactos na formação docente, e na aprendizagem dos estudantes e na cultura institucional. Além disso, estudos podem explorar estratégias colaborativas, reflexivas e inventivas em outros componentes curriculares, bem como examinar formas de ampliar a participação estudantil e o engajamento comunitário.

O fortalecimento de experiências monitoriais contribui para a formação de estudantes mais críticos, criativos e sensíveis às demandas do contexto escolar e universitário, ao mesmo tempo em que promove inovação pedagógica e aprendizagem significativa. Dessa maneira, a monitoria não apenas intensifica a formação do discente-monitor, mas também reforça a construção de ambientes educativos mais colaborativos, éticos e democráticos, oferecendo referências para políticas institucionais que valorizem práticas de ensino inovadoras e inclusivas.

Por fim, que essa experiência vivida na Faculdade de Educação – Campus Bragança inspire outras instituições a reconhecerem na monitoria um gesto pedagógico potente, que contribui para uma universidade mais democrática, inventiva e afetiva. Que o ato de ensinar – assim como o de aprender – continue sendo atravessado pela possibilidade de escuta, pela coragem da invenção e pelo compromisso ético com o outro. Porque, como aprendemos nesta travessia, formar é também transformar.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, M. B. A perspectiva ético-estético-política da clínica da Gestalt-terapia. In: DUTRA, E. (Org.). **Sofrimento e historicidade**: o desamparo ético-político na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022. p. 279-292.
- CANDAU, V. M. F. A didática em questão e a formação de educadores- exaltação à negação: a busca da relevância. In: CANDAU, V. M. F. (Org.). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, p. 12-22. 1986.
- CARVALHO, I. S. *et al.* Monitoria em semiologia e semiotécnica para a enfermagem: um relato de experiência. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p.18-30. 2012.
- LERNER, D. **Escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FRANCO, G. P. F. Uma experiência acadêmica como aluno monitor da disciplina de Morfologia: Histologia e Anatomia. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre. v.19, n.1, p.66-68. 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRISON, L. M. B. **Monitoria**: uma modalidade de ensino que potencializa a aprendizagem colaborativa e autorregulada. *Pro-Posições*, v. 27, n. 1, p. 133-153, 2016.
- JESUS, D. M. O. *et al.* Programas de Monitorias: Um estudo de caso em uma IFES. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro. v.6, n. 4. p.61-86. 2012.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- LINS, L. F. A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor. JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, I, 2009. **Anais [...]**. Recife, 2009. p. 1-2.
- MATOSO, L. M. L. A importância da monitoria na formação acadêmica do monitor: um relato de experiência do monitor. **Catussaba – Revista Científica da Escola da Saúde**, Natal. v.3, n.2, p.77-83. 2014.
- MORAN, J. M. **Mudando a educação com metodologias ativas**. São Paulo: ECA/USP, 2013. Disponível em: https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 29 abr. 2025
- RHYNE, J. **Arte e Gestalt**: padrões que convergem. Tradução de Maria de Betânia Paes Norgren. São Paulo: Summus Editorial, 2000.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SCHMITT, M. D. *et al.* Contribuições da monitoria em semiologia e semiotécnica para a formação do enfermeiro: relato de experiência. **Revista Cidadania em Ação: Extensão e Cultura**, Florianópolis. v. 7, n. 3, p. 1-8, 2013. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/cidadaniaemacao/article/view/3264>. Acesso em: 24 set. 2025.

SCHNEIDER, A. D. Monitoria acadêmica: espaço de formação para a docência. *In*: JESUS, S. N.; VIEIRA, F. (Orgs.). **Docência no ensino superior: perspectivas e desafios**. Curitiba: Champagnat, 2006. p. 153-166.

UNIDERP. **Regulamentação do programa de monitoria de ensino da Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal**. Disponível em: Homepage: http://www.uniderp.br/ver_pagina.aspx?. Acesso em 12 abr. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.